

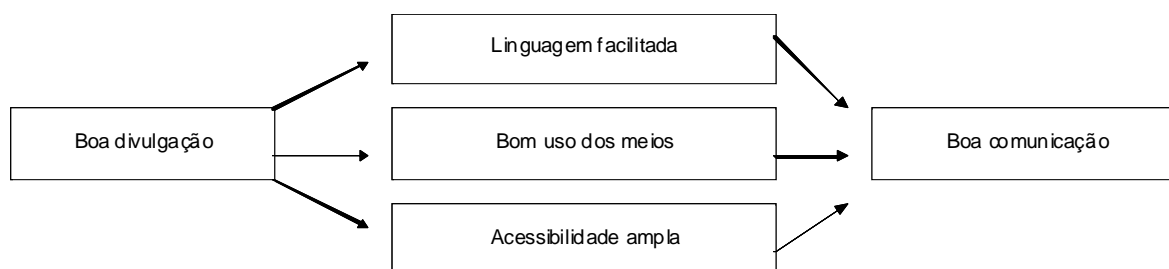
Algumas considerações sobre a relação entre educação e comunicação no âmbito da saúde

Ausônia Donato*

Se realizarmos um mapeamento sobre os conceitos de comunicação que suportam o conjunto de suas práticas no âmbito da Saúde, poderemos definir um campo semântico que, salvo engano, se estrutura mais ou menos assim:

Comunicação = Divulgação

Desdobrando a fórmula acima, isto é, não aceitando na sua forma resumida uma espécie de verdade, teríamos:



Não por acaso, **inverte-se a relação entre divulgação e comunicação**. Minha proposta é efetuar uma crítica a um mecanismo simplificador que estabelece uma equivalência entre a Comunicação (uma área do conhecimento, construída historicamente) com um de seus aspectos, o mais diretamente associado a sua dimensão utilitária isto é, a divulgação. O elemento valorativo presente nas extremidades do esquema (boa comunicação; boa divulgação) ajuda a aproximação, acentuando o efeito de cortina de fumaça.

No que interessa à concepção de educação transformadora no âmbito da Saúde, a falta de um referencial teórico-metodológico relativo à comunicação faz com que assumamos de pronto que o que importa é fazer com que uma mensagem, partindo de um ponto de emissão, chegue a um receptor, situado num contexto. A linearidade desse tipo de raciocínio acaba por desconsiderar a feição dos sujeitos históricos¹ que estão por detrás desse processo.

Analisando modelos lineares de comunicação – um emissor que codifica e transmite uma informação, para um receptor que friamente a decodifica – a Escola de Frankfurt, a partir da Teoria Crítica, contesta a legitimidade da transparência de esquemas abstratos, genéricos, binários, mecânicos, que desmobilizam o aspecto tensional da comunicação entre homens, desconsiderando-os como sujeitos históricos. Propõe um modelo de comunicação crítico que leva em consideração a história, a economia, a política, a ideologia, a cultura, os elementos objetivos da realidade social e os fenômenos referentes à subjetividade (Donato, 2000 p.50).

Talvez, sem explicitar, a “boa divulgação” tenha como fim uma finalidade de persuasão, o que derivaria um novo esquema:

* Educadora, Pesquisadora do Instituto de Saúde

¹ Entendemos sujeitos históricos como aqueles que são atravessados pela história, pela economia, pela política, pela cultura, pela ideologia, construindo, no campo híbrido desses atravessamentos, sua subjetividade. A partir dessa concepção, o entendimento de toda razão comunicativa vai muito além da simples razão instrumental.



Boa comunicação = Boa divulgação = Persuasão

Num texto que toca no problema, Freire afirma: *“Aos camponeses, não temos que persuadi-los para que aceitem a propaganda, que, qualquer que seja seu conteúdo, comercial, ideológico ou técnico, é simples domesticadora”*.

Persuadir implica num sujeito que persuade, desta ou daquela forma, e num objeto sobre o qual incide a ação de persuadir. Nem os camponeses, nem a ninguém, se persuade ou se submete à força mítica da propaganda, quando se tem uma opção libertadora. Neste caso, os homens se lhes problematiza sua situação concreta, objetiva, real, para que, captando-a criticamente, atuem também criticamente, sobre ela.

Este, sim, é o trabalho do agrônomo como educador, do agrônomo como um especialista, que atua com outros homens sobre a realidade que os mediatiza.

Não lhe cabe, de uma perspectiva humanista, estender suas técnicas, entregá-las, prescrevê-las; não lhe cabe persuadir nem fazer dos camponeses o papel em branco para sua propaganda.

Como educador, se recusa a “domesticação dos homens, sua tarefa corresponde ao conceito de comunicação, não ao de extensão”. (FREIRE, 1975 pg. 23 – 24).

Não é raro, se nos valermos do senso comum, confundirmos um bom comunicador com aquele que nos convence de algo. Cada um de nós, em nossa história pessoal, é capaz de lembrar de infinitas circunstâncias em que, por estarmos convencidos de algo que muitas vezes rejeitávamos, atribuímos capacidades quase mágicas de comunicabilidade a certas pessoas.

O processo discursivo ocorre na medida em que os agentes envolvidos no ato de comunicação conseguem transcender a simples compreensão lingüística. A base sobre a qual se efetiva o processo de comunicação possui lastro histórico, do qual o código (a linguagem) é resultante. A participação do “destinatário” na construção do significado da mensagem é decisiva. Sem ela, o processo

comunicativo não se efetiva. Esse é um dos conceitos que melhor se adequa à compreensão do fenômeno comunicativo, aplicável ao campo da educação em saúde, correspondente ao que Bakhtin (1992) chama de dialogismo.

A vida é por natureza, dialógica, diz Bakhtin. Assim, “viver significa dialogar no e com o mundo”. E isto o homem faz com toda a sua inteireza, com toda a sua vida.

Referências Bibliográficas

- DONATO, A. F – Trançando redes de comunicação. Tese de doutoramento. Faculdade de Saúde Pública da USP, 2000.
- FREIRE, P. - Extensão ou Comunicação? 2º ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- BAKHTIN, M. – Marxismo e filosofia da linguagem. 6º ed. São Paulo: HUCITEC, 1992.